

MÚSICA

O Concerto no Teatro Politeama, de 28-III

Bastante melindrosa é a atitude do crítico ante um concêrto como o que realizou a Orquestra Filarmónica de Lisboa. Ou se mostra intransigente, servindo assim indiscutivelmente bem a arte, ou, pelo contrário, transige com as circunstâncias precárias do nosso meio; e é em face dessa transigência que a sua apreciação tem de ser feita.

Se em Lisboa houvesse muitas iniciativas como a do Dr. Ivo Cruz, se o público lhes desse o apoio devido, se a tarefa de manter uma orquestra particular fôsse fácil, só a primeira atitude conviria. Porém, conhecedores da luta árdua que tal tarefa representa e perante uma desoladora indiferença dum público que se tem por culto e que não passa de tremendamente imbecil, tem que ser a segunda atitude a que convém... e ainda, embora pareça paradoxo, para bem servir a mesma arte. Não significa isto que a nossa opinião venha falseada mas apenas alijada duma análise mais pormenorizada.

Ouvimos primeiro a sempre bela «Quinta Sinfonia», talvez a mais assimilável de todas as de Beethoven, sem deixar de ser profunda. Sente-se através da sua audição que qualquer drama pungente de natureza metafísica nela se

desenvolve; drama que atinge o paroxismo no final, do qual se conta que encheu de pavor uma criança. Infelizmente êsse conflito ainda não encontrou expressão verbal como se dá na «Nona» mercê das notas do autor escritas à margem.

Destacaremos da sua execução o «andante» pelo relêvo dado às frases temáticas, e o «finale» com que o maestro conseguiu empolgar a parca assistência.

Seguiram-se duas árias de Mozart em que a voz de Raquel Bastos esteve bastante adequada; a ária do «Rei Pastor» e «Aleluia» que foi o momento mais feliz do concêrto.

Na «Elegia» de Tchaikowsky as cordas tiveram oportunidade, aliás fácil, de se evidenciar pela homogeneidade.

O programa acabou, por onde talvez devesse ter começado, pois as obras dos mestres não presdispõe à indulgência, pela «Marcha do Santo Condestabre» de Sampaio Ribeiro. Esta peça que merece o nome de «marcha» pela despretensão, é quasi um poema sinfónico pela construção. Evoca primeiro o santo; surge após o guerreiro; prepassam os detratores; e ei-lo que surge de novo glorioso e imortalizado, através dum «tuti» magestoso, porém algo inge-